




## Resenha

# Análise crítica da narrativa<sup>1</sup>

 Demétrio de Azerdo Soster<sup>2</sup>

Se, de um lado, a literatura científica sobre teoria da narrativa, no que ela tem de literatura, é relativamente disponível em quantidade, qualidade e número, o mesmo não se pode afirmar quando o assunto é observar a narrativa pelo viés da comunicação, e, nela, do jornalismo. Nesse caso, o volume de obras encontradas em livrarias e bibliotecas – artigos, livros, ensaios –, por exemplo, não obstante sua reconhecida qualidade, não reflete nem de longe a crescente importância que as narrativas de natureza comunicacionais vêm tomando. Tampouco reflete os esforços que se tem feito no sentido de compreendê-las em sua especificidade, com o que chegamos à importância desse **Análise crítica da narrativa**.

O que Luiz Gonzaga Motta faz, aqui, é oferecer aos leitores e leitoras, especialistas ou não, uma leitura-roteiro aparentemente introdutória sobre as narrativas de natureza comunicacional, em particular as jornalísticas, ainda que o olhar recaia sobre a narrativa como um todo. O advérbio fica por conta do fato de se tratar, a um tempo, da releitura de um antigo manual que o autor desenvolveu na disciplina de *Leitura dos meios de comunicação* da Universidade de Brasília (UnB), enquanto que, de outro, de um roteiro que permite, ao iniciado ou ao especialista, imersão em diferentes níveis de profundidade no estudo da narrativa. Ou seja, texto mais que necessário no cenário descrito anteriormente, porque basilar, tanto para estudantes de comunicação, como de literatura, antropologia, sociologia etc., sobretudo aos que buscam novos horizontes para a narratividade e suas formas.

**Análise crítica da narrativa** é dividido, do ponto de vista metodológico-estrutural, em duas partes; na verdade, em três.

Na primeira – *Teoria da narrativa* –, e por meio de quatro movimentos diferentes (*Por que estudar narrativas?*; *Retorno da narrativa: a busca do significado*; *A teoria da narrativa – narratologia*, e, finalmente, *Narrativa jornalística e história do presente*), o esforço se concentra na construção de um lastro teórico capaz tanto de localizar como de orientar o leitor a respeito do caminho que Motta adota na obra. E que explicita na página 11: “(...) adoto aqui uma perspectiva que privilegia a narração ou a enunciação narrativa, mais que a narrativa em si mesma”. Ou seja, não se está falando de uma obra fechada, e sim de um processo comunicacional de matizes fenomenológicos que envolve, no mínimo, duas partes, e que não se resume ao que emerge da frase. Exige a presença de sujeitos.

Isolar a temática “narrativa jornalística” no capítulo 4 – *Narrativa jornalística e história do presente* –, nesse primeiro momento, foi a estratégia utilizada pelo autor para, a um tempo, a) dar mais amplitude à obra (originalmente pensada, como dissemos, para a sala de aula), permitindo,

<sup>1</sup> MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo, integrante do Centro Folkcom de Pesquisas (UEPG). E-m: iilucaroli-ne@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), professor-pesquisador do PPG de Letras e Chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).

assim, outras leituras que não as seminalmente comunicacionais (psicologia e história, por exemplo), e, ainda assim, manter-se fiel aos seus propósitos originais, b) garantir o necessário destaque à face “jornalismo” da teoria da narrativa. Obtém-se, dessa forma, a um tempo, foco e amplitude.

O segundo momento de **Análise crítica da narrativa – Parte 2: Metodologia de análise pragmática** –, por sua vez, como o nome sugere, reúne os aspectos metodológicos da obra, a começar pelo capítulo 5, onde encontramos o homônimo *Metodologia de análise pragmática da narrativa*. A ênfase, aqui, se concentra nos aspectos relacionais na análise, segundo os quais a narrativa, qualquer que seja, transforma-se já a partir dos olhos de quem a acessa, o que exige gramáticas específicas de reconhecimento.

O capítulo 6 – *Procedimentos operacionais de análise pragmática; Procedimentos para uma análise empírica; Estratégias de produção de efeitos de real*, e, finalmente, *Estratégias de produção de efeitos estéticos* –, como os enunciados sugerem, oferece pistas para o desenvolvimento de uma análise empírica da comunicação narrativa. Com uma advertência: “O que se segue parece um roteiro de análise, mas não é.” (p. 133) Tratam-se, antes, de caminhos possíveis, pistas, que consideram, sobretudo, o fato de, via de regra, ser o objeto quem indica o caminho a ser tomado, e não o contrário.

Qual o mais acertado? “Tudo depende de onde o analista pretende chegar, que aspecto da análise pretende privilegiar, e das ilações sugeridas pelo seu próprio objeto (o texto e a comunicação narrativa em contexto).” (p.134). Ainda nas palavras de Motta, trata-se de observar antes a performance dos sujeitos interlocutores no processo de enunciação narrativa que o enunciado propriamente dito. Tem-se, assim, uma vez mais, amplitude, largura de olhar.

Quer nos parecer, no entanto, que **Análise crítica da narrativa** se revela no capítulo de número 7 – *Do enunciado à enunciação: vozes narrativas e jogos de poder* e *Matriz para análise empírica do poder de voz*. O que encontramos, aqui, é uma proposta de abordagem metodológica específica ao jornalismo.

Partindo do princípio de que quem narra, em particular nos textos de natureza comunicacional, tem sempre um propósito, uma intenção, Motta salienta que, à análise, “(...) interessa descortinar esse propósito e sua realização (ou não)”. Equivale a observar, portanto, conceitos com intencionalidade (à luz de John Searle); voz narrativa (a partir de Paul Ricoeur); polifonia de vozes (por meio de M. Bahktin); poder simbólico (pelo viés de Pierre Bourdieu), para ficarmos nos principais. Sobretudo, os elementos da estrutura narrativa – autor, narrador, diegese etc. –, que, vistos na perspectiva de Gerard Genette, acabam por emprestar, quem sabe, àquele que analise um modelo por meio do qual o poder narrativo se revela na narração jornalística.

Tendo dito isso, resta observar que a dimensão de uma obra, para além do que está posto a título de conteúdo formal (os capítulos propriamente ditos), revela-se, quem sabe, muito pelos caminhos que ela possibilita, por onde se pode chegar a partir das portas que ela abre. No caso do **Análise crítica da narrativa**, tem-se muito desse rasgo de generosidade nas referências bibliográficas, que são divididas em biografias para iniciantes, intermediários e avançados, bem como textos de apoio ao caminho proposto. Visto da ótica que quem narra, e do jogo de poder que se estabelece nessa forma de dizer, temos aqui a comprovação de que estamos diante de uma obra de alguém que efetivamente conhece o tema sobre o qual se debruça e que, agora, compartilha o mesmo conosco.